



Núcleo Interdisciplinar de Estudos e
Pesquisas sobre Marx e o Marxismo

Marx e o Marxismo 2011: teoria e prática

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 28/11/2011 a 01/12/2011

TÍTULO DO TRABALHO			
“Ideologia Autocrática Chauvinista Regressiva como Parâmetro Ideológico dos Integralistas Pretéritos e Contemporâneos”			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
Jefferson Rodrigues Barbosa	Universidade Estadual de Londrina	UEL	Professor
RESUMO (ATÉ 20 LINHAS)			
Os meios jornalísticos e produções acadêmicas nos últimos anos têm destacado em âmbito internacional manifestações de movimentos e partidos políticos defensores de ideologias chauvinistas. Os integralistas contemporâneos são aqui interpretados como expressões nacionais deste fenômeno e, organizados na sociedade civil e, através da internet, estão difundidos em núcleos espalhados em mais de duas dezenas de cidades em alguns estados do país. Novas e antigas gerações de integralistas buscam mobilizar adeptos e simpatizantes através das novas formas de comunicação e propaganda política, que utilizadas como ferramentas diretivas e organizativas, além dos tradicionais jornais e informativos impressos, potencializam a interação entre militantes. A investigação da atuação e a análise das permanências e as mudanças na ideologia integralista formulada na década de 1930 na releitura dos atuais herdeiros do sigma e as aproximações destas organizações com outros movimentos nacionalistas foram os objetivos da investigação, assim como, a identificação de seus principais líderes e a localização de seus núcleos. Para o estudo em questão foram utilizados conteúdos de sites e textos impressos de jornais, informativos e boletins dos grupos mais expressivos entre a atual militância integralista que na difusão de concepções anacrônicas e segregadoras se apresentam como manifestação de uma proposta de ordenamento social legitimada em sua particularidade por uma ideológica autocrática chauvinista.			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ TRÊS)			
Integralismo Contemporâneo; Chauvinismo; Ideologia Autocrática			

Introdução.

Em 1932 a Ação Integralista Brasileira (AIB) foi oficialmente fundada pelo intelectual chauvinista Plínio Salgado, fato que completará oitenta anos em outubro de 2012, sendo que seus valores ainda perduram e são divulgados através da práxis de militantes na contemporaneidade, através de núcleos instalados em mais de duas dezenas de cidades e, através da publicação de boletins e jornais impressos e sites que continuam a defender os valores sintetizados no lema integralista “Deus, Pátria e Família” (BARBOSA 2008).

A AIB em 1938 enquanto partido político foi reprimida pelo regime do Estado Novo, porém a sua militância também perdurou aos desdobramentos do pós Segunda Guerra Mundial (CALIL, 2005).

Na primeira fase a AIB pode ser interpretada como um aparelho privado de hegemonia que aglutinou segmentos políticos de tendências variadas: anti-semitas, simpatizantes e admiradores do fascismo italiano e nacionalistas ligados ao catolicismo social. O integralismo em seu projeto político,

desde sua primeira fase na década de 30, foi defensor de um projeto de Estado Intervencionista, pela mobilização política e utilização de técnicas modernas de propaganda para difusão de sua ideologia, marcada principalmente pelo nacionalismo exacerbado. Já na segunda fase de continuidade do integralismo, o partido de Representação Popular (PRP), fundado por Plínio Salgado, foi relacional ao contexto em que antigos integralistas sobreviviam dentro de legendas partidárias conservadoras, no processo político brasileiro entre 1945 e 1965 (CALIL, 2005). Atualmente os integralistas buscam reestruturar o movimento depois do fim do PRP que foi extinto depois da ditadura militar.

A militância integralista na atualidade se rearticula mesmo marcada pela descentralização partidária onde os militantes comprometidos com a difusão da propaganda política integralista buscam articular núcleos entre os seguidores da ideologia do sigma em diferentes regiões do país.

As tentativas de rearticulação integralistas podem ser evidenciadas pela questão da realização de Congressos Nacionais realizados em 2004, denominado “I Congresso Integralista para o século XXI”, o “II Congresso Nacional Integralista”, realizados em 2006 e o III Congresso Nacional Integralista, os eventos ocorreram nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro congregando as principais lideranças das organizações mais expressivas dos herdeiros do sigma para o estabelecimento de estratégias para a expansão destas organizações.

A Frente Integralista Brasileira (FIB), entre os novos grupos de integralistas, defende a manutenção da ideologia formulada originalmente na década de 1930, porém outras organizações de militantes enfatizam a necessidade de revisão das concepções integralistas diante das novas conjunturas contemporâneas, como o Movimento Integralista Linearista – MIL-B.

A Frente Integralista Brasileira (FIB) é a organização mais representativa dos integralistas contemporâneos, e foi criada em 2004, como resultado do denominado “I Congresso de 2004”.

O Movimento Integralista Linearista (MIL-B) também foi fundado em 2004, pelo policial federal Cássio Guilherme Reis Silveira que antes participava de reuniões na Casa Plínio Salgado, em São Paulo. Porém, devido a sua interpretação da ideologia integralista, o Linearismo, ocorreram atritos, que levaram Cássio em 2006, a tornar o núcleo de Campinas independente da FIB.

A análise dos pressupostos ideológicos dos integralistas contemporâneos foi possibilitada através do estudo artigos dos atuais jornais integralistas e de seus sites proporcionando a compreensão de elementos para o entendimento dos valores e ações dos grupos mais expressivos da nova militância e de suas interpretações “sob a ótica integralista” sobre os fatos da conjuntura nacional e internacional. Pois, mesmo não estando mais organizados dentro de legenda partidária e sem uma liderança central, os

militantes possuem uma rede de articulação e de divulgação de sua ideologia e estão divididos em núcleos orientados pelas lideranças das principais organizações integralistas em atividade.

Os grupos integralistas na contemporaneidade mesmo buscando atualizar os temas abordados em seus meios de comunicação continuam a manter os pressupostos ideológicos defendidos pelos intelectuais integralistas na década de 1930 e o êxito na continuidade de sua ressonância é influenciado pela utilização de novas determinações propiciadas por tecnologias instrumentalizadas em sua prática política.

As leituras dos conteúdos de seus sites e materiais impressos mesmo revelando discordâncias e conflitos entre diferentes grupos como a FIB evidenciam a permanência de valores presentes na ideologia integralista desde 1932, como a defesa do corporativismo como modelo de ordenamento social na concepção autocrática chauvinista de “Democracia Orgânica”, como fundamento de sua proposta política, fundamentada na defesa de concepções moralizantes de caráter fundamentalista religioso, assentadas no repúdio a razão e ao progresso. Estes elementos ideológicos foram evidenciados no estudo das fontes analisadas nesta investigação.

As tecnologias da informação e comunicação têm um papel central como suporte para a ressonância do integralismo e para a organização de seus quadros na atualidade, pois, a questão da utilização de sites na internet, além de jornais e boletins impressos, como centros diretivos e organizativos para a articulação entre grupos chauvinistas na divulgação de suas concepções, apresenta-se como característica comum das novas facetas de organização de grupos herdeiros da ideologia do sigma.

A difusão e socialização ideológica dos meios de comunicação por partidos e organizações políticas proporcionam um caráter diretivo e organizativo. E, neste sentido, na contemporaneidade jornais, blogs e sites tem o potencial de organização e direção que pode suplantar a ausência de partidos políticos institucionalizados no sentido organizacional e de formação política de seus membros.

Interpretados como aparelhos privados de hegemonia, em acepção gramsciana, as organizações integralistas, se adaptaram, gradualmente, as novas modalidades de organização para sua práxis política.

Através dos novos meios de comunicação, tendências políticas diversas utilizam as novas tecnologias como ferramentas de socialização ideológica suplantando a esfera de ação dos tradicionais partidos políticos, inaugurando novas formas de interação entre seus militantes. Nessa nova dimensão da política propiciada por formas de interação mediadas por suportes tecnológicos, os grupos integralistas mesmo divididos firmam

presença. Os integralistas suplantam as distâncias físicas e mobilizam grupos congêneres na reconstrução de possibilidades para sua militância.

O objetivo central desta investigação foi analisar e arquivar durante os últimos cinco anos os conteúdos dos sites e blogs integralistas, assim como de outras organizações nacionalistas no Brasil, assim como também localizar e adquirir publicações impressas das organizações investigadas. De forma diferente dos intelectuais do sigma que foram os demiurgos da Ação integralista Brasileira e do Partido de Representação Popular, os integralistas na atualidade não apresentam um número considerável de publicações de livros, divulgando suas concepções. Assim, os conteúdos publicados em sites, blogs, jornais, informativos e boletins das organizações em questão foram compreendidos como fontes viáveis para a análise das permanências e mudanças nas concepções políticas e de organização dos militantes integralistas.

Da aparência generalizadora a apontamentos sobre a necessidade da busca pela particularidade do objeto.

No início desta pesquisa os militantes contemporâneos em questão foram denominados aprioristicamente de neo-integralistas e interpretados como manifestação nacional da denominada extrema direita, fenômeno este internacional que identifica os agrupamentos políticos portadores de um nacionalismo exacerbado e de práticas políticas intransigentes.

Entretanto, na construção dos pressupostos do método que norteia esta investigação, as definições categoriais da identidade política integralista foram reelaboradas no sentido de suplantação de expressões abstratas generalizantes, ou gnosiológicas, em direção da identificação da gênese e função social da ideologia integralista em sua particularidade concreta. Este momento preponderante na reavaliação da identidade do objeto investigado foi favorecido pelos elementos constitutivos do método marxiano.

O contributo da filosofia da práxis ao assinalar dois traços marcantes acerca do método em questão evidenciou a necessidade fundamental do trânsito entre categorias abstratas às análises concretas através de um maior destaque das mediações constitutivas da experiência histórica integralista em sua gênese para que fosse possível a articulação dos axiomas constitutivos da pesquisa desta particular manifestação política brasileira em seus desdobramentos na atualidade.

A teorização na acepção marxiana é a reconstrução no plano ideal do movimento dos objetos reais, é a reprodução ideal de um movimento ontológico das relações sociais na processualidade histórica.

A empiria é o ponto de partida do conhecimento, expressão fenomênica, mas esta não esgota a estrutura do processo que ela é originária. Assim, os aspectos empíricos observados nas fontes analisadas que apresentavam num primeiro momento a relação neo-integralismo e extrema direita foram suplantados por diferentes determinações reflexivas¹.

Em primeiro lugar, nos pressupostos da filosofia da práxis, a metodologia mais adequada ao conhecimento de um dado objeto só pode ser determinada com objetividade após os conhecimentos da investigação serem obtidos. Ao contrário das premissas hipotéticas estabelecidas a priori a finalidade da reflexão do método marxiano está em indicar que as hipóteses mais prováveis, frente aos objetos estudados, deverão ser primeiro investigadas e não apresentadas como afirmações a priori como procedimento para a investigação.

Na perspectiva da filosofia da práxis, o método exhibe, em segundo lugar, para Marx e Lukács uma caracterização ontológica fundante, nesse sentido, a sua função social é critério para a determinação do ser:

A percepção da ontologia em Marx fornece a Lukács os elementos passíveis de estabelecer uma ruptura com predomínio da gnosiologia e da epistemologia em nossos tempos. Suas reflexões partem da crítica fundamental que postula que, em Marx, “o tipo e o sentido das abstrações, dos experimentos ideais, são determinados não a partir de pontos de vista gnosiológicos ou metodológicos, mas, a partir [...] da essência ontológica da matéria tratada”. Revela-se nessas palavras o reconhecimento de uma fecunda inflexão do pensamento de Marx em relação a tudo o que foi produzido pela filosofia até então: “o objeto da ontologia marxista, diferentemente da ontologia clássica e subsequente, é o que existe realmente: a tarefa de investigar o ente com a preocupação de compreender o seu ser e encontrar os diversos graus e as diversas conexões em seu interior”.²

Compreendendo o fundamento de caráter gnosiológico e de âmbito generalizante da expressão extrema direita como afirmação para a compreensão da particularidade identitária do

¹ “Quanto às *determinações reflexivas*, basta sublinhar que se trata, obviamente, de uma figura que se manifesta no interior do processo de articulação quando foco recai em pares ou conjunto de categorias cuja conexão é indissolúvel, de tal modo que a apreensão efetiva de cada um dos seus membros depende da apreensão recíproca dos outros. Aqui o ponto delicado e essencial é a preservação da especificidade de cada um deles, isto é, deve-se evitar sua homogeneização conceitual, que tende a se dar pela promoção da identidade ou da diversidade abstratas entre os mesmos.” CHASIN, José. **Marx**: estatuto ontológico e resolução metodológica. São Paulo: Boitempo, 2009, p. 135.

² VAISMAN, E. FORTES, R. Apresentação. In **Prolegômenos para uma ontologia do ser social**: questões de princípio para uma ontologia hoje tornada possível. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 21.

integralismo brasileiro diante de outras manifestações políticas inspiradas em valores de um nacionalismo exacerbado, a pesquisa então foi reorientada para o sentido de compreensão da particularidade da ideologia investigada e os aspectos constitutivos da sua manifestação e desenvolvimento histórico para uma melhor ponderação sobre os herdeiros do integralismo na contemporaneidade.

A suplantação da denominação neo-integralismo foi realizada, pois, aqui se compreende que o integralismo não experimentou nenhum momento de ostracismo e os seguidores de Plínio Salgado nunca deixaram de divulgar seus pressupostos ideológicos, desde a propagação inicial do integralismo enquanto proposta política. Seja na AIB entre 1932 a 1938, ou através do Partido de Representação Popular (PRP), entre as décadas de 1940 a 1960, o PRP não era hegemonicamente integralista, entretanto foi fundado por Plínio Salgado congregando muitos militantes do sigma que deram suporte a organizações de formação juvenil, como os Centros Culturais de Juventude (CCJ), aparelho político revestido de sentido cultural voltado à divulgação da ideologia integralista.

Com a morte de Plínio Salgado em 1975 os seguidores do demiurgo da ideologia integralista continuaram a propalar seus ideais através de publicações e organizações objetivando a continuidade da divulgação de seus princípios. Propiciando condições para que na década de 1980 em diante novas organizações, publicações e articulações entre militantes em diversas regiões do país fosse continuada.

Nesse sentido, compreende-se nesta investigação que o termo acrescentado de prefixo derivando a denominação - neo-integralismo – pode transparecer indiretamente que se trata de um fenômeno político novo, entende-se aqui, porém, que os integralistas nunca deixaram de militar para a divulgação de sua ideologia. E, através de antigas e novas gerações de adeptos os herdeiros de Plínio Salgado representam a continuidade de propagação da ideologia do sigma. Assim, a opção foi suplantada a expressão neo-integralismo por integralismo contemporâneo para delimitar o objeto em questão não abrindo margens para a insuficiência do prefixo em questão para denominação em foco.

A ênfase com que fontes jornalísticas e alguns trabalhos acadêmicos apresentavam a categoria de extrema direita proporcionava inicialmente nesta pesquisa uma qualificação aparentemente estabelecida para denominação da identidade política do objeto de estudo em análise. E, as fontes de pesquisa levantadas e investigadas comprovaram a continuidade do nacionalismo enfático e fanático dos militantes que transpassaram o legado integralista para o século XXI, através de livros, jornais e sites das organizações mantenedoras do ideal do Sigma (Σ), símbolo matemático, usado pela AIB, sendo ostentada nas braçadeiras dos uniformes integralistas

na década de 1930 e, utilizado até os dias de hoje como símbolo dos agrupamentos integralistas na atualidade. Porém, a particularidade do nacionalismo integralista insentivou na análise a busca de uma denominação menos generalizante, em perspectiva científica. A

expressão extrema direita não perde a sua viabilidade, sendo aqui reelaborado um ajuste de foco que não nega sua operacionalidade, porém, sua utilização é mais pertinente como expressão de âmbito jornalístico para identificação e o embate político no sentido polemizador da crítica para qualificação dos grupos chauvinistas como o integralismo pretérito e contemporâneo, aí permanecendo sua possibilidade de utilização e a pertinência de seu caráter operativo. O leitor não munido de informações sobre a diversidade entre os grupos chauvinistas na atualidade rapidamente entende a expressão extremo direita como sinônimo de nacionalismo exacerbado. Muitas vezes manifestado na práxis de seus militantes através de práticas violentas portadoras de elementos segregadores, xenófobos, homofóbicos e intolerantes em relação à liberdade política.

Na arquitetura de um trabalho científico, porém, a preocupação com o sistema de categorias adequado para identificar a particularização do objeto analisado nos coloca o desafio de parâmetros pertinentes para a prática investigativa como critério para o método de investigação teórico-analítico.

O pressuposto do método de pesquisa marxiano é o do investigador aberto e atento ao movimento do objeto. Método é a forma de apreensão do movimento do objeto, não um conjunto de regras apriorísticas formais e, sim a pesquisa sobre estes critérios referenciais é direcionada no sentido de apropriação reflexiva da dinâmica do objeto investigado.

A expressão extrema direita já traz de forma intrínseca um juízo valorativo não mediado pelas particularidades que permitem a compreensão das diferenças entre o adjetivo e substantivo. Inviabilizando o entendimento da configuração societal em que se insere o objeto investigado, não propiciando a ponderação das mediações que favorecem a lógica das determinações da particularidade do objeto em investigação.

Entre as fontes de pesquisa analisadas neste estudo a categoria de extrema direita apresentou-se “como pressuposição prévia e efetiva”³ para a identificação de grupos nacionalistas herdeiros do fascismo. Devido à expressão ter se firmado nos meios de comunicação devido a repercussão e presença constante nas fontes jornalísticas sobre manifestações de organizações políticas portadoras da defesa de um nacionalismo exacerbado, sendo a denominação mais usual para identificação nomenclatural do denominado neo-fascismo e neo-nazismo.

³ MARX, K. Para a Crítica da Economia Política. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Abril, 1974 p.122.

A extrema direita é uma abstração generalizadora, assim, se esta perspectiva categorial fosse o alicerce da presente investigação “teríamos uma representação caótica do todo” (MARX, 1974, p. 122).

A concepção da ideologia integralista, nesse sentido, como expressão dos valores chauvinistas que marcaram o contexto das Guerras Mundiais nas primeiras décadas do século XX, apresenta-se como configuração histórica particular e concreta. E, a natureza da identidade política de seus pressupostos está alicerçada desde sua gênese, na defesa da instauração de um Estado centralizador e ausente de liberdades políticas. O modelo de “Estado Integral” defendido pelos líderes integralistas, em sentido estrito, é um modelo autocrático de Estado.

Seguindo os pressupostos do autor da filosofia da práxis:

“[...] e através de uma determinação mais precisa, através de uma análise, chegaríamos a conceitos cada vez mais simples; do concreto idealizado passaríamos a abstrações cada vez mais tênues até atingirmos determinações as mais simples.” (MARX, 1974, p. 122)

Na análise dos objetos investigados sob a perspectiva do critério de totalidade, segundo Lukács, é uma prioridade de método analítico a categoria da totalidade na investigação da historicidade dos fenômenos analisados sendo intrinsecamente articulada à exigência da abordagem da gênese e da função social do objeto:

Na obra “Ontologia do Ser Social”, o autor húngaro define a abordagem:

elucidar a estrutura originária que representa o ponto de partida para as formas subseqüentes, o seu fundamento insuprimível mas, ao mesmo tempo, tornar visíveis também as diferenças qualitativas que, no curso de desenvolvimento social posterior, acompanham com espontânea inevitabilidade e necessariamente modificam de maneira decisiva, até em relação a determinações importantes, a estrutura originária do fenômeno.⁴

⁴ LUKÁCS, G. Ontologia do Ser Social. O Trabalho. p. 111-2 Apud LESSA, S. Lukács, **Ontologia e Método**: em busca de um pesquisador(a) interessado(a). Revista Praia Vermelha, Pós-graduação em Serviço Social, vol.1, n. 2, pp. 141-173, Rio de Janeiro, 1999. Disponível em: http://www.sergiolessa.com/artigos_97_01/metodo_ontologia_1999.pdf, p. 07. Acesso 13 de abril de 2011.

A generalidade da concepção de fascismos ou de extrema direita pode ser operativa em âmbito jornalístico e para o embate político na identificação de grupos nacionalistas radicais, como apontado, mas como critério científico de investigação esta ausente de fornecer critérios de análise que ressaltem as particularidades dos agrupamentos chauvinistas, como no caso brasileiro do integralismo. Nesse sentido a necessidade do método genético de contextualizar a particularidade do objeto nas suas relações com elementos intrínsecos a sociedade brasileira.

A expressão extrema direita, na perspectiva aqui defendida, representa uma expressão derivada de uma superficialidade combinatória de complexos ideológicos de natureza diversa, inapropriados para a identificação da manifestação brasileira dos herdeiros de Plínio Salgado.

Compreendendo a inviabilidade das afirmações apriorísticas aponta Sérgio Lessa respaldado nos pressupostos lukacsianos (LESSA, 1999, p. 7-8):

[...] a “abordagem genética” é o exato contraponto às metodologias que propõem a “construção do real” a partir de conceitos teóricos *a priori*. Lukács, escrevendo ao longo dos anos sessenta, concentra os seus argumentos contra o positivismo, que termina por conceber o real como expressão das relações matemáticas, contra o marxismo vulgar [...]. Para Lukács, o real não deve ser deduzido de um conceito abstrato; antes, as abstrações da consciência apenas possuem significado à medida que refletem as relações categoriais do próprio real.

A definição de autocracia chauvinista é uma abstração, mas uma abstração razoável, como ponto de partida do método de investigação, parafraseando o autor dos Grundrisse:

uma abstração razoável, na medida em que, efetivamente sublinhando e precisando os traços comuns, poupa-nos a repetição. Esse caráter geral, contudo, ou este elemento comum, que se destaca através da comparação, é ele próprio um conjunto complexo, um conjunto de determinações diferentes e divergentes. (MARX, 1974, p. 110)

Na direção fundamentada por Chasin (2009, p. 129- 130), em seus apontamentos sobre o texto marxiano dos Grundrisse de 1857 a respeito das abstrações razoáveis na sua explicação da resolução metodológica da filosofia da práxis:

As abstrações razoáveis, relações gerais, ou as mais simples das categorias - pontos de partida da autêntica *démarche* científica – “são determinantes” ou, em outras palavras, “sem elas não se poderia conceber nenhuma” formação concreta; todavia, elas não determinam nenhum objeto real, isto é, “não explicam nenhum grau

histórico efetivo” de existência. Mesmo assim, “o curso do pensamento abstrato se eleva do mais simples ao complexo”, ou seja, “as determinações abstratas conduzem à reprodução do concreto por meio do pensamento”, e nesse itinerário é que se realiza “o método que consiste em se elevar do abstrato ao concreto”. Realização metodológica que subentende, pois, uma complexa metamorfose das abstrações razoáveis, pela qual, mantendo a condição de pensamentos, isto é, de abstrações, deixam de prevalecer como momentos abstratos, para se converter em *momentos concretos* da apreensão ou reprodução dos graus históricos efetivos dos objetos concretamente existentes. Um dos aspectos fundamentais dessa transformação compreende a intensificação da *razoabilidade* dessas categorias simples, ou seja, a atualização das virtualidades de sua natureza ontológica enquanto forma de apropriação ideal dos objetos reais. [...] Em termos bem sintéticos, na rota que vai do simples ao complexo, do abstrato ao concreto, as abstrações razoáveis devem perder generalidade por especificação, adquirindo os perfis da particularidade e da singularização, ou seja, a fisionomia de abstrações razoáveis *delimitadas*.

A tradição autocrática brasileira esta fortemente articulada com modelos regressivos de ordenamento social, como apontou Chasin (1978) em estudo clássico sobre o integralismo de Plínio Salgado enquanto ideologia regressiva de projeto de Estado assentado, em valores excludentes e segregadores e legitimados por valores ruralistas e religiosos.

[...] o fascismo é uma ideologia de mobilização nacional para a guerra imperialista, que se põe nas formações de *capitalismo tardio*, quando estes emergem na condição de elos débeis da cadeia imperialista, e o integralismo uma manifestação de regressividade nas formações de *capitalismo híper-tardio*, uma proposta de freagem do desenvolvimento das forças produtivas, com um apelo ruralista, no preciso momento em que estas principiam a objetivar o “capitalismo verdadeiro” (Chasin, 1978, p. 647).

Também Chasin (2009, p 125) em trabalho posterior ressalta a pertinência da consideração das particularizações dos objetos investigados como critério do método ontológico de abordagem:

A consideração das diferenças é, pois, uma exigência fundamental, decorrente do critério ontológico de abordagem, tendo presente que a distinção ou a identidade de certa formação de qualquer tipo é dada, precisamente, por aquilo que a diferencia dos elementos gerais e comuns copertencentes às demais que integram o mesmo conjunto.

Partindo da concepção de autocracia chauvinista regressiva enquanto *abstração razoável delimitada*, no sentido marxiano do termo, o objetivo foi identificar como esta manifestação particular de proposição ideológica autocrática, o integralismo, representa em perspectiva nacional uma manifestação política concreta que esta articulada ao advento de organizações chauvinistas que exercitam sua práxis numa guerra de posição na sociedade civil para a difusão de valores antagônicos a igualdade e a emancipação de gênero humano.

Segundo Chasin (2009, p. 130-131) seguindo a concepção de *abstrações razoáveis delimitadas*, norteado pelos parâmetros do “Posfácio” em O Capital:

[...] a investigação marxiana está remetendo a multilateralidade determinativa de toda uma conformação fenomênica, ou seja, referindo que todo o objeto, intrínseca e extrinsecamente, é e se manifesta como um feixe entrelaçado de inúmeras determinações, para cuja adequada reprodução teórica são indispensáveis a *delimitação* e a *articulação* das abstrações razoáveis. Desde logo porque a articulação, fase conclusiva do processo analítico, é também uma exigência de delimitação, levando em conta que as abstrações razoáveis, umas em face das outras, têm de ser compatibilizadas entre si, o que implica recíprocas determinações delimitadoras, pelas quais são estabelecidas as proporções com que integral a reprodução final do objeto investigado. [...] Todavia, a exigência de *delimitação* promovida pela articulação é efeito um efeito de sua natureza. *Ponto de chegada* da analítica marxiana, momento culminante da produção do “concreto de pensamentos”, [...] de acordo com as próprias palavras de Marx – “A pesquisa tem que captar detalhadamente a matéria, analisar as suas várias formas de sua evolução e rastrear sua conexão íntima. Só depois de concluído este trabalho é que se pode expor adequadamente o movimento do real”. Por isso mesmo, como estágio mais desenvolvido do próprio método, que integra e proporciona à plena realização de seus momentos anteriores, a articulação, além de sua relevância intrínseca, confirma e explica os passos antecedentes e, por extensão, o método em seu todo.

Parafraseando o autor dos Grundrisse: “Chegado a este ponto, teríamos que voltar a fazer a viagem do modo inverso [...] mas, desta vez não com uma representação caótica de um todo, porém, com uma rica totalidade de determinações e relações diversas” (Marx, 1974, p.122). [...] “Enquanto que o método consiste em elevar-se do abstrato ao concreto não é senão a maneira de proceder do pensamento para se apropriar do concreto, para reproduzi-lo como concreto pensado (p. 123)”.

Para José Chasin (2009, p. 89) em sua análise da resolução metodológica marxiana, não há uma elaboração metodológica explicitamente elaborada por Marx, seus pressupostos de método de análise são resultantes de momentos de reflexão apresentados em algumas obras pontuais em oposição e, em ruptura com o método especulativo como os “Manuscritos econômicos-filosóficos”, no primeiro capítulo sobre Feurbach, na obra “Ideologia alemã”, na polêmica contra Pierre-Joseph Proudhon, na obra “Miséria da Filosofia”, onde no segundo capítulo é precedida uma discussão metodológica sobre a categoria de totalidade. E, no escrito intitulado “Para a crítica da economia política,” os Grundrisse.

A perspectiva de método de investigação elaborada por Marx é arquiteta em sentido mais amplo na obra “Para a Crítica da Economia Política”, onde é configurada e explicitada a perspectiva de método de análise de seu objeto, o programa elaborado para o seu trabalho mais sofisticado “O Capital”.

O pressuposto norteador do método de investigação marxiano propicia a compreensão da diferença entre método de investigação e método de exposição. O método de investigação enquanto registro e reflexão do que o pesquisador desenvolveu distinto do método de exposição, enquanto resultado das reflexões de uma investigação.

Para Marx o ponto de partida do conhecimento teórico é um fato, ou um conjunto de fatos. Porém, Marx é um antípoda das construções especulativas fundamentadas no empirismo. Mas, ele não recusa a análise empírica do real, pois, a expressão fenomênica é importante, mas é o ponto de partida da investigação.

Marx parte da aparência, esta é um marco, um indicador dos processos históricos. O ser histórico é processo, é movimento e, se a aparência revela-se os nexos constitutivos para a compreensão do objeto, a pesquisa seria desnecessária. Por isso, o primeiro passo do conhecimento teórico é tomar a factualidade como indicadora do processo em análise. Mas, as aparências também mistificam, ocultam. Por isso, a negação da simples empiria no método marxiano. Porém, a negação da factualidade não recusa o dado empírico, mas, estes dados não possibilitam a reconstrução teórica. A construção teórica segundo os pressupostos marxianos é a negação da aparência empírica do real (NETTO, 2002).⁵

O resultado da razão é identificar esses processos num movimento de abstração que parte da factualidade dos processos que a implicam, dos processos históricos sociais de que os fatos em análise são a aparência. Negar a empiria passa pelo processo de abstração e, só por esse momento de abstração intelectual é que é possível abandonar o nível do abstrato generalizante (NETTO, 2002). E, este processo de abstração razoável é que permite a razão superar a expressão factual não particularizada.

O pensamento investigativo científico explora processos históricos sociais e pelo caminho da abstração outros nexos constitutivos da realidade investigada são identificados pelo pesquisador. Estes novos processos também são dados fáticos. Por isso, em sentido marxiano, no método de exposição há um retorno a empiria que é uma exigência para a compreensão dos nexos constitutivos da realidade histórica concreta investigada, porém, acrescidas do entendimento de novas determinações que influenciam a compreensão. O retorno analítico do método das duas vias é a reconstrução expositiva das determinações que envolvem o objeto pesquisado (NETTO, 2002).

⁵ Informação obtida no curso ministrado pelo prof. Dr.º José Paulo Netto “O Método em Marx.” Ministrado para o curso de Pós-Graduação em Serviço Social da UFPE em 2002. Disponível em: http://www.cristinapaniago.com/jos%C3%A9_p_netto_-_curso_o_m%C3%A9todo_em_marx - Acesso em 15 de julho de 2011.

Conhecer o objeto é conhecer suas determinações, encontrar as determinações e suas relações é buscar as suas mediações para que o conhecimento teórico possa ser exposto, ultrapassando a aparência imediata do fenômeno ao qual o pesquisador se debruça. É a suplantação do dado imediato (abstrato) que é elevado a compreensão da síntese de suas múltiplas determinações. Esta síntese Marx denominou de concreto. É o pensamento que produz a construção do objeto, por isso, a expressão, concreto pensado.

As determinações são traços do movimento constitutivo do fenômeno social analisado, sendo a empiria o primeiro nível de análise da realidade concreta e, estes traços constitutivos são captados analiticamente através de categorias. Por isso o ponto de partida desta investigação foi à relação integralismo e extrema direita.

As categorias são construções teóricas do processo histórico da realidade, são formas de ser da realidade como resultado da análise do real pela razão através de abstrações razoáveis e delimitadoras, propiciando a apreensão de determinações reflexivas. E, na análise das relações entre método de investigação e a fundamentação alicerçada nas fontes bibliográficas e documentais novas categorias foram articuladas na busca de uma melhor apreensão do objeto no sentido da sua particularidade.

Neste sentido, a interpretação da ideologia integralista como manifestação autocrática chauvinista é um silogismo: autocracia é a generalidade do fenômeno político no âmbito de sua universalidade; chauvinismo, a particularidade da identidade ideológica do objeto; o integralismo brasileiro a singularidade do caso nacional mais expressivo do fenômeno em questão, marcado por axiomas regressivos que denotam a particularidade de sua proposta política.

O método como critério para esta percepção é explicitado por Lukács (1970, p. 81):

Os exemplos citados são suficientes para indicar como é rico e variado o modo pelo qual a dialética de universal e particular se manifesta na realidade histórico-social e como seria falso deduzir antecipadamente destes processos, tão diversos um do outro, um esquema qualquer. A ciência autêntica extrai da própria realidade as condições estruturais e as suas transformações históricas e, se formula leis, estas abraçam a universalidade do processo, mas de um modo tal que deste conjunto de leis pode-se sempre retornar - ainda que frequentemente através de muitas mediações - os fatos singulares da vida. É precisamente esta a dialética concretamente realizada de universal, particular e universal. Esta conexão pode ser estudada muito bem na análise que Marx nos fornece do capital em geral.⁶

⁶ LUKÁCS, G. **Introdução a uma Estética Marxista**: sobre a Particularidade como categoria da Estética. Editora Civilização Brasileira, Rio Janeiro, 1970, p. 81.

O método ontológico é o fundamento para a análise das determinações sociais dos pensamentos no intento de compreensão dos objetos históricos, em oposição às análises subjetivas a ontologia aborda a estrutura da realidade histórico-concreta, objetivando a suplantação das formas gnosiológicas de entendimento para a determinação social do pensamento. Segundo Chasin (2009, p.89): “Essa afirmação acompanha o espírito de certa observação lukacsiana pela qual todo o problema gnosiológico importante só encontra solução no campo ontológico”.

O sentido de uma proposição ideológica alicerçada na defesa de um modelo de Estado de autoridade irrestrita e fundamentada em valores nacionalistas enfáticos propiciam a identificação dos pressupostos integralistas como uma manifestação ideológica defensora de um modelo de ordenamento social autocrático chauvinista regressivo.

Seguindo as orientações do autor da filosofia da práxis:

Este exemplo mostra de uma maneira muito clara como até as categorias mais abstratas - precisamente por causa de sua natureza abstrata -, apesar de sua validade para todas as épocas, são contudo, na determinidade desta abstração, igualmente produto de condições históricas, e não possuem plena validade senão para estas condições e dentro dos limites destas (MARX, 1974, p. 126).

A realidade para Marx é uma dinâmica processual, como apontado, a realidade sócio-histórica é sempre compreendida na perspectiva da totalidade, se apresenta articulada num “complexo de complexos”. Mas, a compreensão da realidade de um fenômeno só é possível através do critério da compreensão do critério da particularidade.

Nas categorias elementares do método marxiano são ressaltados os preceitos categoriais de totalidade, contradição e mediação (NETTO, 2002). A totalidade é a categoria nuclear do método marxiano, mas, o que dinamiza a compreensão da totalidade dos fenômenos são os sistemas de contradição. Totalidade e contradição só tem sentido com a categoria de mediação. Este sistema de categorias é um sistema aberto porque a lógica da categoria não encerra o movimento do objeto (NETTO, 2002).

O integralismo é identificado nesta pesquisa segundo os pressupostos da obra “O estruturalismo e a miséria da Razão.” (COUTINHO, 2010), como manifestação de decadência ideologia na cultura contemporânea nacional. A concepção lukacsiana de decadência ideológica⁷ foi formulada no ensaio “Marx e o problema da decadência

⁷NETTO, J. P. Posfácio. In: COUTINHO, C. N. **O Estruturalismo e a Miséria da razão**. 2. Ed. São Paulo. Expressão Popular, 2010. p. 273. “Seguindo indicações de Marx, Lukács vê nas revoluções de 1848 uma inflexão no processo de desenvolvimento do pensamento burguês: se, até então, ainda se conservaram nele as conquistas (especialmente a

ideológica” desenvolvido inicialmente por G. Lukács no livro “Marxismo e teoria da literatura” e aprofundado em sua obra “O assalto a razão” (LUKÁCS, 1959) ⁸.

As manifestações políticas chauvinistas são compreendidas como substrato cultural de concepções irracionistas de ordenamento social, no sentido atribuído por Lukács na sua obra “O assalto a Razão” onde o autor defende que a diversidade das expressões intelectuais irracionistas são determinadas pela agudização das lutas de classes em cada país e pelas heranças ideológicas do pensamento social de uma época (LUKÁCS, 1959 p. 15).

Autocracia e chauvinismo como elementos constitutivos da ideologia integralista.

A categorização de Autocracia é consagrada e representa lugar firmado na História e na Ciência Política, porém, nem toda autocracia é fundamentada em valores nacionalistas exacerbados. Assim, a definição de autocracias chauvinistas abrange ideologias baseadas em propostas de formas de governo marcadas pela defesa de concentração de poder e suplantação das instituições mediadoras de participação política, especificamente marcada pela ênfase no nacionalismo como legitimação do ordenamento social: um governo com autoridade irrestrita sobre aqueles que subjugam, através do poder único de um líder, autocrata, ou partido, enquanto organização partidária autocrática, legitimada pela “decisão por si mesmo”.

Nesta perspectiva advém o termo decisionismo político na expressão elaborada pelo jurista nazista Carl Schmitt como fundamento possível para a compreensão dos fundamentos da categoria de autocracia.

dialética) próprias do período de ascensão revolucionária da burguesia em sua luta contra o *Ancien Régime*, a resposta burguesa aos eventos revolucionários de 1848, revelando o esgotamento de seu papel progressista e de seu transito ao campo do conservadorismo, mostra que ela enquanto classe, já não pode mais enfrentar teoricamente os problemas decisivos da vida social. Um pensamento funcional aos interesses da burguesia, a partir de então e à diferença do período anterior a 1848 deve resvalar necessariamente para a apologia (direta e/ou indireta) da ordem estabelecida, expressando-se nos marcos do racionalismo (James Mill) ou do irracionismo (de que a ulterior obra de Nietzsche será emblemática). Esta direção teórico-filosófica expressa precisamente a *decadência ideológica*, consiste na ruptura com a herança cultural do período anterior, na negação do caráter contraditório e transitório da sociedade burguesa e no evasivismo em fase das questões decisivas da vida social – centralmente, a exploração do trabalho pelo capital [...]. Do ponto de vista da filosofia a decadência ideológica se manifesta pela assunção do ecletismo do relativismo e pela dissolução de elaborações sistemáticas. No domínio da estética a decadência se evidencia na substituição do realismo pelo naturalismo como método de figuração artística. Lukács entende que a decadência ideológica ao é uma condição, mas um processo historicamente constituído – e, por isso, apresenta traços que variam conforme o envolver do capitalismo (no estágio imperialista, a decadência ideológica apresenta particularidades antes inexistentes). É imperioso ressaltar que as determinações da decadência dizem respeito à burguesia como classe – o que significa que indivíduos desta classe podem romper com ela e lutar exitosamente contra as trágicas limitações que ela lhes impõe.”

⁸ LUKÁCS, G. Marxismo e teoria da literatura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. Também sobre a questão da decadência ideológica ver: NETTO, J. P. Lukács e a crítica da filosofia burguesa. Lisboa: Seara Nova, 1978

Carl Schmitt, partindo da concepção de decisão do intelectual conservador espanhol Juan Donoso Cortez, defende que soberania é entendida enquanto questão de decisão sobre um caso de exceção: para o autor a ordem jurídica deve se basear numa decisão do soberano e não numa escolha consensual.⁹

A soberania é a criadora da ordem política e o sistema democrático e parlamentar gera para o intelectual nazista em questão falta de autonomia para decisões no agir político. Estas questões são defendidas em seus principais livros, como “A Ditadura” de 1921, onde argumenta que o estado deve empregar meios extras constitucionais para manter o ordenamento social. Em “Teologia Política”, de 1922 são defendidas as concepções de que os conceitos da moderna concepção de Estado são conceitos teológicos secularizados, são produtos de uma evolução histórica.

O núcleo de sua teoria política é sua concepção de soberania como poder decisório irrestrito e o objetivo de seus escritos é a busca da salvação e da recuperação da autonomia da política dentro das comunidades modernas através da desresponsabilização dos agentes políticos frente os imperativos de decisão correta.

As críticas de Schmitt as democracias parlamentares ocidentais são à base das modernas formulações autocráticas na contemporaneidade, segundo seu livro “A situação espiritual do parlamentarismo atual” de 1923, autor afirmou: “A situação do parlamentarismo hoje é tão precária devido ao fato do desenvolvimento da moderna democracia de massas ter feito da discussão público-racional uma mera formalidade” [...] “Se o parlamento enquanto instituição da verdade evidente virar meio meramente prático técnico, precisar-se-á apenas demonstrar, *via facti*, através de qualquer procedimento (por exemplo, a ditadura), a possibilidade de um caminho diferente”¹⁰.

Para o autor a única saída para as conseqüências das insuficiências do pluralismo dos partidos foi à defesa do que ele denominou de um “Estado Total” por meio de uma ditadura presidencial fundamentada no escrito de 1931 “O guarda da Constituição”, Schmitt defendeu sua perspectiva de modelo de Estado: “Baseado tanto na força militar quanto numa burocracia centralizada e num economia sã, submissa ao Estado vigoroso”.

⁹ “La excepción - dice – es más interesante que el caso normal..., pues en ella vemos como fuerza de la vida real rompe la corteza de una mecánica estancada en la repetición.” Y resume así su razonamiento: “Es soberano quien decide acerca de los estados de excepción.” (SCHIMITT, 1932 apud. LUKÁCS, 1959, p.531). Lukács comenta a influencia de Donoso Cortés na concepção de Estado de exceção em Schmitt: “Schmitt se ocupaba empeñosamente en elaborar los principios de la filosofía del derecho internacional destinados a justificar las acciones de Hitler, desde los asesinatos en masa del año 1934 hasta la invasión de los países neutrales por la Reichswehr. [...] De aquí que Schmitt se dedique, hoy, a publicar toda una serie de estudios, viejos y nuevos, sobre su figura favorita de siempre, sobre Donoso Cortés.” (LUKÁCS, 1959, p. 680-681)

¹⁰FLICKINGER, Hans Gerg. A luta pelo espaço autônomo do político. apud SCHIMITT, C. Die geistesgeschichtliche Lage des heutigen Parlamentarismus (A situação espiritual do parlamentarismo atual). 6. ed., Berlim, 1985, p.14.

A defesa de Schmitt em relação aos governos autocráticos são também enfatizadas no livro “A ordem global e o Direito Internacional” de 1939 onde são legitimadas as políticas nazistas e sua perspectiva política o acompanha até seus últimos escritos, como “A revolução Mundial legal” de 1978, onde o alvo são as críticas a atuação dos comunistas na Espanha.

As rápidas referências aos livros de Schmitt visam apontar as reconfigurações das concepções autocráticas que foram sofisticadas ao decorrer do século XX como fundamento da subjugação autocrática. Para o intelectual em questão, em sua obra mais enfática no sentido de defesa da ordem autocrática, o conceito de Estado pressupõe o conceito de política. Concepção defendida no seu livro de 1932 “O conceito de Político”.

Segundo Schmitt:

Por outro lado, a equivalência estatal = político mostra-se incorreta e enganosa, na mesma medida que Estado e sociedade se interpenetram, todos os assuntos até então políticos tornam-se sociais e vice-versa, todos os assuntos até então “apenas” sociais tornaram-se estatais, como ocorre [...] As áreas até então “neutras” – religião, cultura, educação, economia – deixam de ser “neutras” no sentido de não-estatal e não-político. Como conceito polêmico contraposto a tais neutralizações e despolitizações de importantes domínios surge o Estado total da identidade Estado e sociedade, o qual não se desinteressa por qualquer âmbito e, potencialmente, abrange qualquer área. Nele, por conseguinte, tudo é, pelo menos potencialmente, político, e a referência ao Estado não mais consegue fundamentar um marco distintivo específico do “político”¹¹.

O integralismo brasileiro mesmo não se tornando regime autocrático durante o século XX, como ambicionaram seus principais dirigentes, em seus pressupostos ideológicos defendiam a instauração de um regime de Estado centralizador e avesso a liberdade política, através da defesa de seu modelo corporativista Estado, denominado por Plínio Salgado “Democracia Orgânica”.

Na contemporaneidade os intelectuais do sigma continuam a sua apologética em defesa do ordenamento social autocrático e as referências teóricas utilizadas pelos militantes integralistas contemporâneos evidenciam sua identidade política.

Em artigo do presidente da FIB, Victor Barbuy intitulado “Marx está morto!” é explicitado suas preferências por alguns dos teóricos expressivos dos regimes Fascista e Nazista, como Giovanni Gentile e Carl Schmitt. O texto faz referência a um elemento ideológico caro aos grupos

¹¹ SCHIMITT, C. **O Conceito de Político**. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 47.

chauvinistas, o repúdio ao marxismo, segundo o texto do líder da FIB as preferências intelectuais das novas gerações integralistas são explícitas:

As concepções de Marx são como ressalta Giovanni Gentile, concepções rigorosamente econômicas e materialistas para as quais "tudo aquilo que é humano é econômico, e ninguém tem o direito à existência se não é [economicamente] útil", não atentando para o fato de que o fator "econômico não é humanidade, mas instrumento do homem", sendo útil tão somente enquanto serve a este. Com efeito, como aduz Carl Schmitt, em *O conceito do político*, o sistema marxista é um sistema antes de tudo econômico, tentando pensar economicamente e permanecendo, por conseguinte, "no século XIX, o qual é essencialmente econômico."¹²

A identidade com o chauvinismo denota o nacionalismo fanático e enfático. O verbete "Chauvinismo" no Dicionário Crítico de Pensamento de Direita (2000) é interessante ao apresentar a construção genética do termo e, como o mesmo identifica uma forma de nacionalismo exacerbado:

O termo chauvinismo teve sua origem na França, tendo como base a atitude nacionalista extremada manifestada por Nicolas Chauvin, um soldado dedicado e corajoso que lutou no exército nos períodos revolucionário e napoleônico. Suas ingênuas manifestações denotavam um patriotismo fanático e uma fidelidade absoluta ao Imperador Napoleão I. Sua figura foi, posteriormente, popularizada pelas peças teatrais de A. Scribe, *Le soldat laboureur*, e dos irmãos Gogniard, *La cocard tricolore, épisode de la guerre d'Alger* (1831). Esta última, de grande sucesso durante o reinado de Louis-Philippe, constituía uma espécie de sátira ao nacionalismo extremado dos bonapartistas e de seus sucessores. A partir de então, o termo foi incorporado pela literatura e pela ciência política como sinônimo de orgulho nacional exacerbado e cego. O patriotismo fanático denotava opiniões simplistas, ignorantes e estreitas, tanto sobre os demais povos, encarados com desconfiança e desprezo, quanto em relação aos conterrâneos, que tinham suas "virtudes" destacadas e exageradas. Em fins do século XIX, o termo chauvinismo passou a ter uma conotação explicitamente pejorativa por parte dos políticos socialistas, anarquistas e democratas, anticlericais e até liberais, como forma de denúncia de seus adversários de direita e extrema direita, bem como de certos argumentos justificadores da arrogância colonialista. [...] Durante a fase que antecedeu a Primeira Guerra Mundial, o termo, que havia sido empregado em um sentido relativamente satírico a respeito de um fenômeno considerado mais prosaico do que perigoso, começa a referi-se a uma realidade sombria. A exaltação patriótica foi habilmente utilizada pela direita, chegando mesmo a influenciar setores da esquerda, como o *social-patriotismo*, o que levou as classes trabalhadoras a apoiar majoritariamente seus respectivos governos na Grande

¹²BARBUY, Victor Emanuel Vilela. **Marx está morto!** Disponível em: <http://www.integralismo.org.br/?cont=781&ox=17&vis=> Data de acesso: 01 de março de 2011.

Guerra, desferindo um duro golpe na II Internacional. No século XX, o termo associou-se ainda mais às novas formas de nacionalismo extremado, como o nazifascismo, entre outras correntes políticas. As manifestações de chauvinismo também espalharam-se por outras regiões do mundo, geralmente vinculando-se a outras formas antidemocráticas (mas não exclusivamente), antiindividualistas, e antiinternacionalistas. O chauvinismo tem explorado a dimensão exclusivamente nacional [...].¹³

A categoria chauvinismo foi também difundida na tradição marxista por Vladimir Ilich Lênin no escrito de 1914, “A Guerra e a Social-Democracia na Rússia” onde é denunciada a cooptação dos principais partidos da socialdemocracia europeia às justificativas aparentemente patrióticas, na verdade manipulatórias e alienantes, de participação no conflito militar internacional em benefício dos interesses dos grupos hegemônicos e, em detrimento da organização classista dos trabalhadores em perspectiva internacionalista¹⁴.

A autocracia chauvinista contemporânea como concepção ideológica enquanto um conjunto de valores e proposições de ordenamento social é oriundo da herança de intelectuais conservadores, articuladas a defesa exacerbada da pátria, da nação e das tradições nacionais, defendidos por ideólogos antagônicos as mudanças das sociedades contemporâneas. Estas concepções foram apresentadas como trincheiras para a defesa da ordem em oposição à construção de uma nova hegemonia política oposta ao liberalismo clássico e ao comunismo.

Nas primeiras décadas do século XX se configurou internacionalmente novas rearticulações de forças políticas em busca da hegemonia com a proposta de condução do processo de modernização engendrado por um modelo de Estado Intervencionista, contexto de novas ideologias nacionalistas que surgem também como oposição ao descrédito nas democracias e do repúdio a sociedade regulada pelas classes subalternas.

A defesa de concepções autocráticas pelos integralistas contemporâneos é evidenciado em artigo disponível no site da organização denominada Movimento Integralista Linearista (MIL-B) intitulado “Movimentos fascistas pelo mundo” onde é evidenciada as relações identitárias e as preferências ideológicas dos militantes contemporâneos do sigma.

¹³VIZENTINI, Paulo Fagundes. Chauvinismo. **Dicionário Crítico de Pensamento da Direita**: idéias, instituições e personagens. Orgs: SILVA, F. C. T.; MEDEIROS, S. E.; VIANNA, A.M. Rio de Janeiro: FAPERJ: 2000, p. 85.

¹⁴ “O manifesto A Guerra e a Social-Democracia da Rússia foi o primeiro documento oficial do CC do POSDR que exprimiu a posição do partido bolchevique em relação à guerra mundial imperialista que se tinha iniciado. O manifesto teve ampla difusão na Rússia e no estrangeiro. Como documento oficial que expunha a posição do POSDR em relação a guerra, o manifesto foi enviado para o Bureau Socialista Internacional (órgão executivo da II Internacional - ver a nota n.º 186) e para alguns jornais socialistas de Inglaterra, Alemanha, França, Suécia e Suíça. Por instrução de V. I. Lênine, o manifesto do CC do POSDR foi enviado à conferência dos socialistas dos países neutrais.” LENIN, V. I. A Guerra e a Social-Democracia na Rússia. Disponível: <http://www.marxists.org/portugues/lenin/1914/09/28.htm>. Acesso em: 07 de agosto de 2011. O texto citado faz parte LENIN, V. I. **Obras Escolhidas**. 5. ed. Lisboa/Moscov: Edições Avante!/Edições Progresso, 1977. p. 13-23.

O texto é pertinente pelo caráter explícito dos conteúdos de identificação dos integralista linearistas com outras experiências políticas chauvinistas:

Os movimentos fascistas pelo mundo. Reportagem especial. É de

conhecimento de todo o Historiador sério e de todo pesquisador de fatos históricos, não preguiçoso, de que a mídia vem distorcendo vários acontecimentos desde o fim da Segunda Grande Guerra. Nos últimos 60 anos as Grandes Redes de Comunicação, completamente dominadas pelo Capital Financeiro Internacional, escondem ou tentam esconder do público em geral fatos ocorridos antes da década de 40. Um desses fatos, foi a existência de inúmeros Movimentos Nacionalistas e Espiritualistas que eclodiram em vários países do Globo, Movimentos ditos “de direita” ou “Fascistas”. Mais uma leviandade da “História Oficial” é tachar de fascistas apenas o Nacional Socialismo Alemão (Nazismo) e o Fascismo Italiano. Entretanto, baseados no monumental livro do Grande Escritor ex-Presidente da Academia Brasileira de Letras Gustavo Barroso, intitulado “O Integralismo e o Mundo”, podemos observar o quão diversificados foram os Movimentos Nacionalistas na década de 30. [...] Esses Movimentos tinham especificidades próprias, mas se assemelhavam em vários pontos, tais como: 1- Combate fervoroso ao

Capitalismo Financista e ao Comunismo Ateísta, vistos doutrinariamente como Movimentos criados pelo Judaísmo Internacional, depois chamado de Sionismo. 2- Valorização das Culturas e Valores Sociológicos de cada Nação. 3- Combate a usura e a exploração dos banqueiros internacionalistas. 4- Crítica ao Sistema da Liga das Nações como representante de um grupo único, no caso o Sionismo Internacional. 5- Valorização do Estado Corporativo em contraposição ao Estado Liberal incompetente e corrupto. 6- Valorização do Coletivo em contraposição ao individual e egoísta. Em diversos países eclodiram Movimentos com essas características. Uns mais de caráter espiritualista, como no caso do Integralismo Brasileiro, outros étnicos como o Nazismo e outros ainda de caráter fundamentalistas como o Fascismo Afegão.¹⁵

Considerações:

Na introdução dos Fundamentos da Crítica da Economia Política o autor da Filosofia da Práxis afirma que é inadequado partir da realidade social em sua imediatez de forma a não superar os dados empíricos pelas mediações analíticas. A análise científica marxiana, a partir do critério da totalidade, através de abstrações razoáveis e da busca pela particularidade de manifestações singulares intrínsecas à universalidade dos fenômenos, busca estabelecer mediações que resultem da análise histórica em sua gênese e, em seu movimento, para que o estudo dos

¹⁵ Os movimentos fascistas pelo mundo. Reportagem especial. Disponível em:

http://www.doutrina.linear.nom.br/artigos/textos_atuais/os-movimentos-fascistas.htm Data de acesso: 12 de março de 2011.

objetos investigados seja compreendido em sua concretude, como reflexos de situações objetivas na sociedade.

O problema da particularidade como crítica social sob a ótica materialista através da busca de determinações e conexões reais tem como base analítica o próprio desenvolvimento do objeto investigado e a compreensão de sua gênese e função social. Assim, a busca pelo entendimento da identidade do integralismo enquanto objeto é possível através da análise das concepções ideológicas difundidas pelos seus meios de comunicação.

Nesse sentido, obstaculizam a real compreensão dos fenômenos os conceitos elaborados cada vez menos a partir da própria realidade social que se tornam conceitos de caráter lógico, porém, descolados da especificidade dos fenômenos, identidade essa só possível pela compreensão das particularidades concretas. Como apontou Lukács é fundamental “conceber a lógica específica do objeto específico”.¹⁶

No debate sobre a identidade ideológica do integralismo que ganhou fôlego na década de 1970 com os trabalhos pioneiros de Trindade (1974) e Chasin (1978) a questão sobre o caráter fascista ou não fascista da organização do sigma proporcionou um estimulante debate teórico que perdura por quase quatro décadas.

Na contemporaneidade a questão sobre a identidade política dos herdeiros da ideologia do sigma continua a propiciar possibilidades de análise e embates devido à continuidade da propositura dos militantes em questão de negarem seus vínculos identitários com concepções autocráticas de ordenamento social.

Os pressupostos ideológicos elementares do integralismo da década de 1930 continuam presentes nos posicionamentos dos militantes contemporâneos, não como uma forma mimética de fascismo no Brasil, mas como manifestação particular de ideologia autocrática chauvinista. E, denominar os integralistas de fascistas ou qualificá-los como uma organização de extrema direita nos embates políticos e na denúncia de suas posições segregadoras não possibilita a compreensão de sua particularidade como pressuposto científico de análise.

A utilização de conceitos apriorísticos como, extrema direita, ultradireita e neofascismo, são construções lógicas, porém, proporcionam implicitamente a função de colaborar com a legitimação do modelo social vigente.

¹⁶ LUKÁCSS, G. O particular a luz do materialismo dialético. **Introdução a uma Estética Marxista:** sobre a Particularidade como categoria da Estética. Editora Civilização Brasileira, Rio Janeiro, 1970, p. 72 .

A difusão o meios jornalísticos do conceito de extrema direita tem indiretamente uma função de apologia ao capitalismo onde a popularização do referido conceito obscurece a compreensão transpondo a imagem de que no funcionamento positivo das sociedades capitalistas existem elementos anômicos entendidos como sintomas patológicos e contrapostos a lógica capitalista, escamoteando o caráter extremista e violento intrínseco ao próprio sistema e não colaborando para a compreensão de que as manifestações chauvinistas são resultado das próprias contradições das sociedades capitalistas.

Destruir as vazias concepções idealistas da universalidade serve, sobretudo, para restabelecer esta categoria, formulada de maneira exata em sua aplicação dialética, justa e científica [...] E pode-se dizer: Marx considera a universalidade como uma abstração realizada pela própria realidade, e então – ela se torna uma justa idéia, isto é, quando a ciência reflete adequadamente o desenvolvimento vital da realidade em seu movimento, em sua complexidade, em suas verdadeiras proporções. Mas se o reflexo deve corresponder a estes critérios, ele deve ao mesmo tempo ser histórico e sistemático, isto é, deve elevar a conceito o movimento concreto.¹⁷

As categorias são construções teóricas do processo histórico da realidade como resultado da análise do real pela razão através de abstrações razoáveis e delimitadoras, propiciando a apreensão de determinações reflexivas. E, na análise das relações entre método de investigação e a fundamentação alicerçada nas fontes bibliográficas e documentais novas categorias foram articuladas na busca de uma melhor apreensão do objeto no sentido da sua particularidade.

Neste sentido, a interpretação da ideologia integralista como manifestação autocrática chauvinista compreende que a concepção de autocracia é a generalidade do fenômeno político no âmbito de sua universalidade; chauvinismo, a particularidade da identidade ideológica do objeto; o integralismo brasileiro a singularidade do caso nacional mais expressivo do fenômeno em questão, marcado por axiomas regressivos que denotam a particularidade de sua proposta política.

A definição categorial da identidade política integralista foi buscada no sentido de suplantação de expressões abstratas generalizantes, ou gnosiológicas, em direção da identificação da gênese e função social da ideologia em questão em sua particularidade concreta.

Os exemplos citados são suficientes para indicar como é variado e rico o modo como a dialética de universal e particular se manifesta na realidade histórico-social e como seria falso deduzir antecipadamente destes processos, tão diversos um do outro, um esquema qualquer. A ciência autentica extrai da própria realidade as condições estruturais e suas transformações históricas e, se formula leis, estas

¹⁷ Ibid., p. 80.

abraçam a universalidade do processo, mas de m modo tal, que deste conjunto de leis pode-se sempre retornar – ainda que frequentemente através de muitas mediações – aos fatos singulares da vida. É precisamente esta a dialética concretamente realizada de universal, particular e singular.¹⁸

O integralismo como manifestação ideológica autocrática chauvinista regressiva, diferentemente de autocracias chauvinistas européias, como o fascismo italiano, tem nesta investigação esta formulação categorial, como uma abstração delimitadora, que busca compreender as diferenças específicas de sua configuração ideológica, distinguindo-a das outras formas de ideologias e regimes autocráticos.

As diferenças intrínsecas desta formulação categorial são resultantes de uma particularidade que não deixa de estar relacionada às manifestações de âmbito internacional de organizações chauvinistas na contemporaneidade. Assim, a compreensão do objeto em análise, os herdeiros da ideologia do sigma, eleva-se na realidade objetiva da singularidade à universalidade através da sua particularidade. E, foi argumentado o fato do caráter múltiplo e diversificado das organizações chauvinistas na contemporaneidade que contribui para a divulgação de expressões genéricas para identificar grupos nacionalistas radicais, porém, foi buscado nesta pesquisa a rigor científico como critério em detrimento das aparências fenomênicas e das definições apriorísticas.

O sentido de uma proposição ideológica alicerçada na defesa de um modelo de Estado de autoridade irrestrita e fundamentada em valores nacionalistas enfáticos e de cunho religioso propiciam a identificação dos pressupostos integralistas como uma manifestação ideológica defensora de um modelo de ordenamento social autocrático chauvinista regressivo.

O aspecto regressivo de seu caráter ideológico pode ser compreendido através da análise das fontes selecionadas onde valores como a defesa do corporativismo, o primado moral religioso como fundamento ético de uma proposta regime de Estado baseado no lema “Deus-Pátria e Família”, fornece subsídios para valores intolerantes. Críticos as concepções de liberdade fomentando posturas segregadoras, como a homofobia, a defesa do que é denominado nos documentos da FIB como “Direito Natural” e, a defesa dos “grupos naturais” como modelo de organização das sociedades, foi evidenciada nas análises das fontes a compreensão de uma lógica organicista presente nos fundamentos do integralismo contemporâneo revelando a nostalgia por um modelo social conservador e anacrônico.

¹⁸ Ibid., 81.

A crítica aos partidos políticos e ao sufrágio universal e a crítica ao racionalismo científico colocam pressupostos de que suas formulações advogam valores e preceitos oriundos de experiências políticas marcadas pela contraposição ao progresso e a razão revelando a particularidade de sua identidade como expressão chauvinista brasileira.

Referências

BARBOSA, Jefferson R. **Sob a sombra do Eixo: camisas-verdes e o jornal integralista *Acção* (1936-1938)**. Marília: UNESP, Dissertação de Mestrado, 2007. Disponível em: http://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciasSociais/Dissertacoes/barbosa_jr_me_mar.pdf

_____. Ideologia e Intolerância: a extrema direita latino-americana e a atuação no Brasil dos herdeiros do EIXO **AURORA** ano II *número 2* - JUNHO DE 2008. Disponível: http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Aurora/aurora_dossie_01.pdf

BARBUY, Victor Emanuel Vilela. **Marx está morto!** Disponível em: <http://www.integralismo.org.br/?cont=781&ox=17&vis=> Acesso em: 01 de março de 2011.

CALIL, Gilberto. **O integralismo no processo político brasileiro - o PRP entre 1945 e 1965: Cães de Guarda da Ordem Burguesa**, Niterói: Tese de Doutorado, 2005.

CHASIN, J. **O Integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade do capitalismo hipertardio**. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

_____. **Marx: estatuto ontológico e resolução metodológica**. São Paulo: Boitempo, 2009.

FLICKINGER, Hans Gerg. A luta pelo espaço autônomo do político. apud SCHIMITT, C. *Die geistesgeschichtliche Lage des heutigen Parlamentarismus (A situação espiritual do parlamentarismo atual)*. 6. ed., Berlim, 1985, p.14.

LENIN, V. I. A Guerra e a Social-Democracia na Rússia. Disponível: <http://www.marxists.org/portugues/lenin/1914/09/28.htm>. Acesso em: 07 de agosto de 2011. O texto citado faz parte LENIN, V. I. **Obras Escolhidas**. 5. ed. Lisboa/Moscú: Edições Avante!/Edições Progresso, 1977. p. 13-23.

LESSA, S. **Lukács, Ontologia e Método: em busca de um pesquisador(a) interessado(a)**. Revista Praia Vermelha, Pós-graduação em Serviço Social, vol.1, n. 2, pp. 141-173, Rio de Janeiro, 1999.

Disponível em: http://www.sergiolessa.com/artigos_97_01/metodo_ontologia_1999.pdf, p. 07.
Acesso 13 de abril de 2011.

LUKÁCS, G. **El asalto a la razón**. Fundo de Cultura Economica, México, 1959.

_____. **Introdução a uma Estética Marxista**: sobre a Particularidade como categoria da Estética. Editora Civilização Brasileira, Rio Janeiro, 1970.

_____. **Per una ontologia dell'essere sociale**. Roma: Riuniti, 1976.

_____. **Marxismo e teoria da literatura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

MARX, K. Para a Crítica da Economia Política. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Abril, 1974.

NETTO, J. P. Posfácio. In: COUTINHO, C. N. **O Estruturalismo e a Miséria da razão**. 2. ed. São Paulo. Expressão Popular, 2010.

_____. **O Método em Marx**. Curso ministrado para o curso de Pós-Graduação em Serviço Social da UFPE em 2002. Disponível em: http://www.cristinapaniago.com/jos%C3%A9_p_netto_-_curso_o_m%C3%A9todo_em_marx_-

Data de acesso em 15 de julho de 2011.

_____. Os movimentos fascistas pelo mundo. Reportagem especial. Disponível em:

http://www.doutrina.linear.nom.br/artigos/textos_atuais/os-movimentos-fascistas.htm Data de acesso: 12 de março de 2011.

SCHIMITT, C. **O Conceito de Político**. Petrópolis: Vozes, 1992.

_____. **La dictadura**. Madrid: Alianza, 1985.

_____. **Théologie politique**. Paris: Gallimard, 1988

VAISMAN, E. FORTES, R. Apresentação. In LUKÁCS, G. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social**: questões de princípio para uma ontologia hoje tornada possível. São Paulo: Boitempo, 2010.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. Chauvinismo. **Dicionário Crítico de Pensamento da Direita**: idéias, instituições e personagens. Orgs: SILVA, F. C. T.; MEDEIROS, S. E.; VIANNA, A.M. Rio de Janeiro: FAPERJ: 2000.